



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO – PEDAGOGIA

**ÚLTIMO ANO DO ENSINO MÉDIO:  
OS JOVENS E SUAS EMOÇÕES**

ALUNA: MÁRCIA DE LOURDES CARVALHO DE OLIVEIRA

ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. SANDRA ALBERNAZ DE MEDEIROS

RIO DE JANEIRO

DEZEMBRO/2011

*Márcia de Lourdes Carvalho de Oliveira*

**ÚLTIMO ANO DO ENSINO MÉDIO:  
OS JOVENS E SUAS EMOÇÕES**

Monografia elaborada pela acadêmica Márcia de Lourdes Carvalho de Oliveira como requisito para a conclusão do Curso de Graduação de Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro sob a orientação da Professora Dr<sup>a</sup> Sandra Albernaz Medeiros.

Rio de Janeiro

Dezembro/2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO – PEDAGOGIA  
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO  
DISCIPLINA: MONOGRAFIA II

REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE  
JANEIRO:

PROF. DR. LUIS PEDRO SAN GIL JUTUCA

DIRETORA DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO:

PROF. DR<sup>a</sup> JANAINA SPECHT DA SILVA MENEZES

CHEFE DO DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:

PROF<sup>a</sup> NAILDA MARINHO DA COSTA BONATO

PROFESSORA DE MONOGRAFIA II

PROF<sup>a</sup> SANDRA ALBERNAZ MEDEIROS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO - EE  
CURSO DE PEDAGOGIA

**ÚLTIMO ANO DO ENSINO MÉDIO:  
OS JOVENS E SUAS EMOÇÕES**

Márcia de Lourdes Carvalho de Oliveira

Aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sandra Albernaz Medeiros  
(orientadora)

---

Prof.<sup>a</sup> Antonia Barbosa Pincano - Tunica

Rio de Janeiro  
2011

*Aos meus amores,  
André, Felipe e Ana Luísa, pelo apoio incondicional.*

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe, meu irmão e meu sogro pelo apoio carinhoso, sem o qual não seria possível vencer mais esta etapa de minha vida.

À minha mais que querida amiga *Tamiris Lima*, jóia rara que conheci nestes anos faculdade e que espero que continue na minha vida para sempre. Seu carinho, apoio e paciência foram fundamentais para meu êxito no curso.

À minha orientadora, **Sandra Albernaz**, pela atenção e palavras de estímulo na caminhada de elaboração dessa monografia.

À professora **Tunica** pela generosa leitura do trabalho.

Ao professor **Marcio Berbat**, pelos ensinamentos e pela oportunidade de monitoria em sua disciplina.

À **Margarete Bianchi**, por sempre acreditar na minha capacidade.

A **todas as alunas entrevistadas**, pela coragem de falar de seus medos e desejos.

*"Seja qual for o seu sonho, comece.  
Ousadia tem genialidade, poder e magia."*

**Johann Goethe**

## RESUMO

A presente monografia propõe uma reflexão sobre o último ano do Ensino Médio, considerado como um mito pela sociedade. Marcado pela passagem de duas etapas, o fim da escola e início da vida universitária, o último ano comporta uma bagagem emocional intensa, com medos e anseios por parte dos jovens. Serão discutidas as relações dos alunos com a escola, entre eles, assim como a influência da família neste momento. Os objetivos maiores desse trabalho são: conceituar o que seria adolescência/ jovem segundo teorias psicanalíticas, identificar os dilemas, medos, angústias dos jovens e caracterizar como esse período pode ter reflexos na escola, na vida e nas escolhas profissionais destes jovens. Para tanto, a monografia será elaborada a partir de três fontes de informação, que são: um levantamento bibliográfico acerca da teoria psicanalítica seguindo as idéias de Arminda Aberastury, Guillermo Carvajal e Contardo Calligaris, entrevista aberta, de cunho qualitativo, com cinco jovens estudantes do último ano do Ensino Médio de uma escola pública no Rio de Janeiro e, por fim, a análise das narrativas.

**PALAVRAS – CHAVES:** Adolescência, Último ano do Ensino Médio, Medo, Teoria Psicanalítica.



## SUMÁRIO

<i>Introdução</i> .....	10
<i>Capítulo 1: Dialogando com os autores: Armindã Aberastury, Guillermo Carvajal, Contardo Calligaris</i> .....	13
<i>Capítulo 2: O Ensino Médio no Brasil, um breve comentário</i> .....	20
<i>Capítulo 3: Dialogando com os jovens</i> .....	23
<i>3.1 Conversando com os alunos da Escola Júlia Kubitscheck</i> .....	25
<i>Considerações Finais</i> .....	39
<i>Referências</i> .....	41

## Introdução

Este trabalho monográfico trata de um tema sobre uma experiência pela qual muitos jovens passam e que considero um possível *mito*: o do último ano de escolaridade, visto como um ano tenso e estressante permeado de medos, anseios e expectativas. O momento de conclusão dessa etapa, associado a um momento de transformação biológica e psíquica que o adolescente está passando, transforma o último ano de escolaridade num campo de emoções em constante ebulição, já que há uma exigência familiar e também social para que os jovens realizem suas escolhas profissionais. Busco entender melhor o que se passa com o jovem, suas emoções e os afetos que emergem em função das pressões sofridas pela urgência da escolha profissional, exatamente neste momento tão peculiar de tantas mudanças. É como se o último ano da escola marcasse o final da juventude, dali para frente tudo muda, os jovens seriam “quase - adultos”. Como se houvesse uma mudança linear, previsível e determinada pela escolaridade.

A minha aproximação com o tema sobre o último ano do Ensino Médio ocorreu porque neste período vivi um ano sofrido e difícil. Várias vezes me senti perdida e incapaz, pois parecia que somente eu não sabia para onde ir e o que escolher. É desafiador poder voltar a um assunto que me mobilizou, e creio, mobiliza muitos jovens, nem sempre positivamente.

A pressão pela escolha da profissão certa, a resposta aos anseios da família, o medo do novo, dentre outros, são fatores que, de modo geral, se apresentam de forma negativa para o jovem. É um ano de incertezas: do que escolher, se vai passar na prova, se escolheu certo. Isto tudo, aliado a uma condição de transitoriedade, onde o jovem é um “vir a ser”, pode gerar uma carga negativa, que seria uma condição onde o presente não é valorizado ou validado, onde o foco estaria no futuro, e a expectativa estaria sempre à frente, tendendo com isso a assombrar estes jovens. Culturalmente cultivamos a idéia de que nossas escolhas são “uma” ou “outra”, e não “uma” e “outra”, ou até porque não, outras. Não estamos acostumados a somar e sim selecionar, excluir. Assim, muitas vezes, acontece com os jovens: eles têm que escolher *uma*

profissão ou *um* caminho. Algo difícil para quem mal conhece todas as opções, que tem inúmeras dúvidas, e que está apenas começando a procurar seu “lugar ao sol”. Esta simplificação pode gerar medos e crises. Penso que uma escolha positiva seria uma escolha sem pressão, com tempo, sem uma prova que quantificasse este jovem, com a possibilidade de mais de uma opção de profissão, além da vivência, por um tempo mínimo, das mais várias profissões, como um laboratório, onde os alunos durante todo o Ensino Médio se aproximassem do dia a dia de vários profissionais.

Todos nós somos atraídos por diversas coisas, não seria diferente em relação à profissão, ofício, estudo.

Neste trabalho pretendo focalizar a fase do “ser jovem” e os vários aspectos que acompanham esse momento. Portanto, a escolha do viés psicológico ocorreu pelo fato de a Psicologia ser uma ciência que tem por objeto, o comportamento e o psiquismo do ser humano, investigando fenômenos como: emoção, desejo, aprendizagens, percepções.

Na elaboração do trabalho foram feitas entrevistas com cinco jovens de uma escola pública voltada para a formação de professores. Os relatos pessoais em entrevista aberta são gravados e transcritos. Em seguida são analisados os depoimentos coletados nas entrevistas observando e identificando, com cuidado, todas as relações e emoções que envolvem os jovens durante essa transição.

O trabalho é elaborado a partir de uma abordagem psico-social, isto é, considerando a relação do sujeito com a sociedade a qual pertence (FREITAS, 2002). Para tal, foi realizado um estudo qualitativo, visto que a pesquisa qualitativa segundo Ludke e André (1986) tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. Uma pesquisa qualitativa busca prioritariamente interpretar o fenômeno observado, valorizando a observação, a descrição, a compreensão e o significado. Não trabalha com hipóteses pré-concebidas, as hipóteses são construídas após as observações. Neste sentido busco compreender os sujeitos que se encontram em um momento em que se vêem na condição de realizar uma escolha profissional e, a partir de suas narrativas, avaliarem os fatores psicossociais que se mostraram influentes para estes jovens.

Histórica e socialmente o último ano de escolaridade vem acompanhado de um “peso”, de uma importância, que se mostra ideal para uma pesquisa. É relevante o entendimento sobre o que é ser “jovem” e em que medida ele é considerado um “quase adulto”. Portanto, busco uma aproximação com os conceitos de Aberastury (1981), procurando compreender esse momento, que suponho ser de *crise* e que vem acompanhado, segundo a autora, de *lutos: Luto pelo corpo infantil perdido, Luto pelo papel e identidade infantis, Luto pelos pais da infância*. Arminda Aberastury desenvolve uma teoria chamada “Síndrome Normal da Adolescência” que pressupõe um frágil limite entre a patologia e normalidade esperado para esta fase. Com o autor Calligaris (2000), que traz o conceito de *moratória*, e que, segundo ele, é imposta ao adolescente por nossa cultura, além dos conceitos de Carvajal (2001), que entende adolescência como uma metamorfose e o adolescente como uma crisálida em absoluta transformação, situando três períodos para esta fase: *adolescência puberal, adolescência nuclear e adolescência juvenil*.

Este trabalho monográfico está dividido em três capítulos. O primeiro capítulo apresenta concepções do que é “ser jovem”, especialmente na teoria psicanalítica, com as idéias de Arminda Aberastury, Guillermo Carvajal e Contardo Calligaris. No segundo capítulo, apresenta um breve comentário sobre o Ensino Médio no Brasil . O terceiro capítulo traz as entrevistas realizadas com cinco jovens e a análise das entrevistas, dentro de uma visão psicanalítica, identificando os afetos que são expressos neste momento da vida destes jovens.

## CAPÍTULO 1:

### **Dialogando com os autores:**

#### **Arminda Aberastury, Guillermo Carvajal e Contardo Calligaris**

São várias as definições para *Adolescência*, talvez uma das mais utilizadas seja: a fase do desenvolvimento humano que marca a transição entre a infância e a idade adulta, caracterizada por alterações em diversos níveis - psíquico físico e social e que tem como representante o *jovem*. Porém, compartilho com Juarez Dayrell (2003) a idéia de que *Adolescência* faz parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um. É um momento cujo núcleo central é constituído de mudanças do corpo, dos afetos, das referências sociais e relacionais, no qual se vive intensamente transformações que vão estar presentes ao longo da vida do sujeito, e não somente como um tempo que termina. O começo da adolescência tende a ser associado ao início da puberdade, ou seja, pelo amadurecimento dos órgãos sexuais, num processo natural, com manifestações hormonais (CALLIGARIS, 2000).

Guillermo Carvajal (1998) em seu livro “Tornar-se Adolescente” contribui com a idéia de que o período da adolescência não é um período linear e igual, pois vai variar em diversos aspectos, como: identidade, sexualidade e na relação com os adultos. Seria um período de verdadeira *metamorfose* física e psíquica. E para esta profunda mudança o jovem se recolhe em seu *casulo* preparando-se para a vital transformação. Afinal, é clara a finalidade do adolescente: tornar-se adulto, ser reconhecido como tal.

Por sua vez, estas transformações estão muitas vezes ligadas à idéia de um momento de *crise constante*, de uma fase considerada difícil, com conflitos de auto-estima e de personalidade. Mas será realmente que o momento do “ser jovem” é sempre um momento de crise negativa?

A esta idéia de *crise constante e negativa* podemos citar certa tendência da sociedade em considerar a adolescência um período de afastamento da família, pois esta, como “instituição”, estaria perdendo seu papel de orientação e controle, visto que o jovem estaria no momento de rebeldia, sentindo necessidade de se soltar das amarras familiares. Tal situação não é confortável para a maioria dos pais, deixando-os perdidos e inseguros, considerando o período como negativo.

Outro aspecto interessante a ser considerado seria em relação ao lado dito “transgressor” do jovem, seja na música, na arte, na vestimenta. Ele está em busca de sentidos e significados, principalmente o da sua existência, e a forma como se expressa, se apresenta visualmente traduz muito a sua busca, as suas tentativas de entender o mundo a sua volta e se entender. Normalmente estas manifestações chegam ao adulto de forma negativa, uma vez que rompe com o padrão, supostamente, estável. Elas são, de modo geral, manifestações vigorosas, assim como os jovens, e, portanto, tornam-se de certa forma ameaçadoras, pois o diferente costuma assustar. Isto tudo pode ser muito confuso, portanto é necessário que saibamos questionar estes modelos socialmente construídos, senão corremos o risco de só olharmos para a adolescência de forma negativa, como uma fase, tão comumente falada, da “aborrescência”, dos problemas, das chatices.

Arminda Aberastury (1988) propõe o termo *Síndrome Normal da Adolescência* no livro *Adolescência Normal*, trazendo a idéia de que a adolescência seria uma fase crítica no desenvolvimento do ser humano, permeada de desequilíbrios, conflitos, inconstâncias e contradições. Combina as palavras *síndrome* e *normal* parecendo haver uma contradição. Porém, se buscarmos o conceito de *síndrome* veremos que pode significar, entre vários: sintomas e conjunto de sinais que se observa em vários processos patológicos e que *normal* pode significar comum, natural. Sendo assim, podemos entender que segundo a autora a adolescência é uma fase com características patológicas que são consideradas normais.

A entrada no mundo dos adultos - desejado e temido- significa para o adolescente a perda definitiva de sua condição de criança (ABERASTURY, 1988). Este período de tantas mudanças leva o jovem a uma nova relação com seu próprio corpo, com seus pais e com o mundo. Segundo

Aberastury, esta entrada só é possível quando se elabora de maneira dolorosa e lenta, os *lutos: pelo corpo da criança, pela identidade infantil e pela relação com os pais da infância.*

As modificações corporais incontroláveis e as exigências do mundo externo provocam, inúmeras vezes, uma sensação de invasão no jovem, por vezes conduzindo-o a um refúgio no seu mundo interno. É como se fosse uma “briga” entre a independência e a dependência, que só se acalmará com a maturidade, entendendo que podem coexistir, sabendo aceitar ser independente dentro de uma necessária dependência. Na sociedade moderna, ser independente é um ideal supremo a se alcançado, pois o jovem se tornará adulto e reconhecido como tal quando for independente e autônomo. Porém com a condição de moratória, todo esse valor idealizado é reprimido e deixado para mais tarde. Seria uma pseudo-independência.

O *luto pelo corpo infantil* caracteriza-se pelas alterações biológicas que se impõem ao sujeito, sem que este possa impedir ou adiar o processo, é uma perda dupla, pois o jovem tem que se despedir do corpo de criança e aceitar o novo papel do corpo de um adulto, com determinações sexuais, tanto na relação com parceiros como na função de procriação. “Só quando o adolescente é capaz de aceitar, simultaneamente, seu aspecto de criança e de adulto pode começar a aceitar em forma flutuante as mudanças do seu corpo e começa a surgir a sua nova identidade” (ABERASTURY, 1988, p.14).

O *luto pela identidade infantil* é marcado por uma etapa em que o indivíduo renuncia à identidade infantil, renuncia à dependência, para se ver na condição de aceitar responsabilidades que muitas vezes desconhece. Esta situação, em muitos momentos, conflitante, faz com que o adolescente busque nos amigos e pares, o apoio e a segurança de que precisam, e por isso as opiniões dos amigos passam a valer mais que a dos adultos.

Isto tudo demanda muita energia do jovem e este longo processo da busca de identidade é que vai levar à perda da identidade infantil. Mas este processo longo e doloroso não é sentido só pelo jovem. Os pais têm dificuldades em aceitar esta nova fase, entender que estão suscetíveis à rejeição dos filhos, assim como lidar com o fato de que os filhos cresceram. No luto da desidealização das figuras parentais, o jovem percebe que os pais têm defeitos e não são donos da verdade, falham e são inseguros, já não são ídolos e líderes, estão sujeitos a críticas. Nem

todos os pais aceitam que seu filho já não seja mais uma criança. É uma verdadeira revolução familiar, pode-se dizer: uma ameaça à ordem estabelecida e à paz familiar (CALLIGARIS, 2000). Os pais têm que se desprender do filho “criança” e evoluir para uma relação com um “novo” adulto, uma relação que envolve a idéia de que há na família, novos adultos. O que não é fácil para estes pais, pois esta evolução vem atrelada à perspectiva do envelhecimento e da morte. A aceitação por parte dos pais acontece quando estes conseguem se identificar com a “força criativa” do filho e com isso compreender e recuperar dentro de si a sua própria adolescência. No “fundo”, os adultos seriam atraídos pelo que há de mais transgressor nos adolescentes, já que poderiam realizar os desejos dos adultos. Eles se parecem com os adultos em formas, têm prazeres parecidos, e, ao mesmo tempo, são supostamente felizes porque têm uma infância estendida, sem obrigações e dificuldades. Como Calligaris (2000) aponta - são adultos de férias, sem lei. E isso é o que há de mais sedutor e realizador para um adulto. Neste sentido podemos refletir sobre o que fala Calligaris:

*Será que a adolescência não foi provocada, impondo a moratória e suscitando a rebeldia, justamente para que encenasse o sonho de liberdade individual e de desobediência que é próprio de nossa cultura? Será que a adolescência não veio a existir para o uso da contemplação preocupada, mas complacente, dos adultos?*

(CALLIGARIS, 2000, p.59)

Pode-se pensar na adolescência como “o ideal” de nossa cultura e isso é facilmente verificável, basta olharmos muitos adultos que se comportam, se vestem e falam como adolescentes, e para as crianças que, cada vez mais, estão se tornando adolescentes mais cedo e, adolescentes que demoram para se tornarem adultos.

Todos esses lutos geram crises que são importantes para a elaboração da identidade do adolescente. Françoise Dolto (1990) contribuiu com o estudo da adolescência e dos jovens lembrando que o que caracteriza o adolescente é que ele se fixa num projeto longínquo, que ele imagina num tempo e num espaço diferentes daqueles em que viveu até agora. É o futuro que atrai o jovem e que ao mesmo tempo o amedronta. O que serei? O que farei? Serei aceito? Todas



essas questões que normalmente acompanham este momento tão especial da vida de todo jovem, talvez tenham uma origem na condição de transitoriedade, onde o jovem é um “vir a ser”, tendo no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido das suas ações no presente (DAYRELL, 2003.p.40). Poderíamos pensar numa condição *do que ainda não chegou a ser* aliando-se a uma idéia de moratória, um tempo para o ensaio e o erro, onde acontece uma contradição entre o ideal de autonomia e a continuação de dependência do jovem. Este conceito de moratória é usado por Calligaris (2000) e segundo ele, é uma condição imposta ao adolescente por nossa cultura. O adolescente é educado pelos pais, escola e mídia, devendo assimilar os valores de sua comunidade. No entanto, quando o jovem deseja demonstrar seu aprendizado ou seus saberes, normalmente é desestimulado pelo adulto, com a alegação de que adolescente ainda não é responsável. Tudo isso pode contribuir para que muitos jovens se deparem com dificuldades em fazer escolhas.

A desculpa para a moratória normalmente é justificada pela presença da maturidade corporal e ausência de maturidade psíquica. Um paradoxo vivenciado pelo jovem, na medida em que “ele é frustrado pela moratória imposta, e, ao mesmo tempo, a idealização social da adolescência lhe ordena que seja feliz (CALLIGARIS, 2000, p.18). Em suma, segundo Calligaris, a espera que lhe é imposta é justamente o que o mantém ou torna inadaptado e imaturo, uma idéia circular e conflituosa, pois este jovem não é mais criança e também não é um adulto reconhecido. Este fenômeno da moratória aparece com a modernidade tardia e acompanha os jovens nos dias de hoje. Numa retomada histórica é fácil verificar que em épocas onde não existia a condição de moratória, muitos jovens de 15, 16 anos guiavam exércitos à luta, faziam negócios, comandavam navios. Uma postura de adultos, que não passaram pelo período de *suspensão*, da chamada adolescência.

Outro autor que discorre sobre a adolescência/jovem e suas fases é Guillermo Carvajal. Em seu livro “Tornar-se adolescente” o autor propõe três fases distintas para o que chama de “aventura de uma metamorfose”, e segundo ele, a organização psíquica do adolescente vai se modificar em função de cada fase. São elas: *adolescência puberal*, *adolescência nuclear* e *adolescência juvenil*.

Na fase *puberal*, Carvajal (2001) acredita que o físico se impõe sobre o psíquico, fase que coincide com as primeiras mudanças fisiológicas, isto é, o corpo da criança começa a se desenvolver em direção a um modelo adulto e as mudanças psíquicas são pouco percebidas. Neste período os pais podem sentir uma introspecção nos filhos, estes tendem a se isolar, diminuem as brincadeiras e sentem-se ofendidos se tratados de forma muito infantilizada. Fase das respostas monossilábicas, e que irrita muitos pais, pois estes sentem como que perdendo o controle sobre o filho. Nesta fase o púbere começa a desempenhar o papel mais importante do adolescente: *aquele que busca uma identidade* (*Idem*, p78).

Numa segunda fase – *nuclear* – o jovem estaria na fase da essência da adolescência propriamente dita, no núcleo do período da adolescência. É marcada de forma intensa pelo aparecimento do grupo. Há uma troca de interesses, saem os pais e entra o grupo. Tudo gira em torno do grupo. Agora os pensamentos, atividades, compromissos são compartilhados, sentem uma real necessidade de serem aceitos pelo grupo que seria uma espécie de espelho que reflete como o adolescente deveria agir. A busca, nesta fase, é pelos pares do mesmo sexo. A necessidade de ser especialmente diferente também aparece de maneira forte e isto aconteceria no jeito de se vestir, na maneira de usar “gírias”, ouvir determinado tipo de música, determinando a que *tribo* pertence. Um modelo, poderíamos dizer, *anti-adultos* surge e tudo que remete a estes adultos é considerado, por exemplo: “careta”, “fora de moda”. Tudo é muito efêmero nesta fase.

Na fase classificada por Carvajal como *Adolescência juvenil* acontece o início da vida adulta, o jovem já está mais “seguro de si” e começa a romper com a identidade grupal, seguindo em rumo à sua individualização. Assume atividades e atitudes típicas dos adultos, busca ser como eles, e com isso a “rebeldia” diminui muito. Segundo Carvajal é uma fase difícil de ser superada, pois ela está atrelada a uma independência financeira, o que nos dias de hoje está cada vez mais complicado de se conseguir. Carvajal afirma:

*Em outros tempos, um indivíduo de dezessete anos já era considerado adulto, exercia atividades e funcionava conforme um padrão adulto. No atual momento histórico e cultural, nesta idade, um jovem é apenas um adolescente do segundo período, sendo freqüente que aos trinta anos ainda seja dependente da estrutura parental, sem assumir intrapsiquicamente sua condição de adulto, funcionando como um pseudo-adulto*

*(Idem, p.98)*

Diante de todos esses fatores, percebemos uma fase mais prolongada no caminhar para a vida adulta. Todos os autores acima mencionados estudaram e contribuíram para um melhor entendimento da fase da adolescência, suas teorias nos ajudam a compreender esta fase inevitável, conflituosa, dinâmica, inquietante e tão idealizada. O fato de gerar, nos próprios jovens e adultos, tantas questões, demonstra o quanto peculiar e fundamental ela é.

## **CAPÍTULO 2:**

### **O Ensino Médio no Brasil, um breve comentário**

Durante as entrevistas, me chamou atenção uma pergunta sobre o vestibular - a tão temida prova que determina se o aluno vai ou não conseguir entrar no Ensino Superior. Percebi que não era só a questão do término do Ensino Médio, mas o término atrelado a um sucesso na prova. Portanto decidi, numa breve exposição, falar neste capítulo sobre como funciona o Ensino Médio no Brasil e de que maneira o jovem consegue ingressar no Ensino Superior. Acredito que o *mito* do último ano do Ensino Médio tem uma relação direta com o tipo de acesso oferecido ao jovem que está concorrendo a uma vaga na universidade.

Muitos são os motivos para que este momento seja tão marcante, mas suspeito que a barreira do vestibular seja uma delas.

No Brasil, o Ensino Médio corresponde à última etapa da Educação Básica - que além do Ensino Médio engloba a Educação Infantil e o Ensino Fundamental. Assim como toda a educação básica no país, deve seguir critérios e normas comuns a todos os estabelecimentos ligados a educação, incluindo a organização e estrutura curricular. Na forma de lei deve ser oferecido em todo país em um período mínimo de três anos. De responsabilidade dos Estados, segundo a Lei de diretrizes e Bases (LDB 9394/96- seção IV, art. 35), o Ensino Médio tem como finalidade:

I – a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;

II – a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;

III – o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;

IV – a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.

O ensino no Brasil sempre foi pautado em bases históricas elitistas, e não seria diferente em relação ao Ensino Médio. Desde a época dos jesuítas, ainda no período colonial, o ensino priorizava a formação ligada aos preceitos religiosos, em especial do catolicismo, com caráter seletivo e elitista, e que tinha como objetivo preparar a classe mais abastada para o estudo fora do país. A partir de 1930, com a revolução liderada por Getúlio Vargas, o sistema educacional começa a mudar, e uma das principais mudanças foi a criação do Ministério da Educação, pois até o dado momento não havia no Brasil um órgão do governo responsável exclusivamente pela educação. A estrutura do ensino até 1971 era: *ensino primário, ensino secundário e colegial*, a partir de 71, com a lei nº 5.692/71, o ensino se modifica e passa a ser dividido entre: *primeiro grau e segundo grau*. Hoje a educação brasileira está dividida em três níveis: *ensino fundamental, ensino médio e ensino superior*.

O Ensino Médio, desde sua origem, se constituiu como um meio para o ingresso no Ensino Superior e/ou no mercado de trabalho, não sendo visto como um fim, o da formação básica, aja visto que nos dias de hoje, se o aluno fizer a prova do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) antes de acabar o Ensino Médio, e for aprovado, não precisa terminar o Ensino Médio e está apto a ingressar no Ensino Superior.

E como está o Ensino Médio hoje no Brasil? Lamentavelmente amargamos um resultado que fica muito paradoxal em relação à economia, que nos últimos anos só melhora. A título comparativo, o Ensino Médio completo no Brasil atinge apenas 22% da população, contra 55% na Argentina e 82% na Coréia do Sul. Estudos da Fundação Getúlio Vargas afirmam que 35% das desigualdades sociais brasileiras podem ser explicadas pela desigualdade no ensino. Dados do IBGE indicam que do total de alunos matriculados no Ensino Médio na rede pública do país em 2010; 10,3% abandonaram a escola e destes, 12,5% no primeiro ano do Ensino Médio, junta-se a isso, uma taxa de reprovação de 12,3% e temos um triste panorama do Ensino Médio no Brasil.( <http://www.ibge.gov.br/home/> )

E como o aluno aprovado ingressa no Ensino Superior? No Brasil o principal meio de acesso ao Ensino Superior é o exame vestibular, que seria uma prova que afere os conhecimentos que o aluno adquiriu no Ensino Fundamental e Médio, em outras palavras, o mais importante critério de seleção de candidatos utilizado pelas instituições de Ensino Superior, sejam elas, públicas ou privadas. Até poucos anos atrás cada universidade oferecia o seu vestibular ao aluno, sendo os mais concorridos os públicos, pela gratuidade. Contudo, o atual governo unificou o vestibular para as universidades públicas implantando o ENEM, que segundo ele, seria uma ferramenta para democratizar o acesso dos estudantes à universidade, pois este considera perverso o modelo de prova tradicional do vestibular para universidades públicas, que contempla principalmente uma classe elitizada.

Para ilustrar esta situação, apresento duas perguntas e respostas das entrevistas:

**“A sua principal agonia é passar no vestibular ou no terceiro ano do Ensino Médio?”**

*“Nos dois, nunca é bom fazer uma coisa incompleta. Eu quero passar nos dois, mas o que me deixa agoniada é o vestibular.”*

**“E se não tivesse vestibular?”**

*“La ser muito mais fácil, seria um sonho, porque seria menos cobrança, menos pressão.”*

Com esta fala percebemos a angústia da jovem, a prova é o obstáculo mais difícil de transpor, o que mais aflige, é saber que não terá garantias de um lugar para ela no Ensino Superior.

### CAPÍTULO 3:

#### **Dialogando com os jovens**

Para a elaboração deste trabalho foi escolhida como metodologia entrevistas do tipo “aberta” com cinco jovens que cursavam o último ano do Ensino Médio numa escola pública no Rio de Janeiro. Esta opção ocorreu pelo fato das entrevistas serem técnicas que ajudam, mesmo que parcialmente, a entender certos processos sociais a partir da ótica dos que estão envolvidos nesse processo, e que no caso, diz respeito à travessia turbulenta entre o Ensino Médio e o Superior. A coleta de dados, através de entrevistas, tem o propósito de captar os sentimentos, as experiências pessoais e reais vivenciados por cada aluno. Sendo necessário, portanto, que os entrevistados sintam-se à vontade e com liberdade para se expressarem. Dentro de uma abordagem compreensiva, após as coletas foi feita uma análise reflexiva dialogando com autores que trabalham dentro de uma perspectiva psicanalítica.

Escolhi um *método qualitativo de investigação*, que tem por objetivo o estudo de casos particulares para o conhecimento e entendimento de fenômenos mais amplos e globais. Como o presente trabalho tem a intenção de pesquisar sobre um possível mito, o do último ano do Ensino Médio, a partir de depoimentos pessoais de alunos, entendi que o método qualitativo seria o mais adequado e sensível para captar as emoções dos jovens. Minha escolha foi baseada na teoria de Ludke & André (1986) que apresentam a pesquisa qualitativa com cinco características básicas que configuram esse tipo de estudo, e que acredito serem ideais. São elas:

- **Ambiente natural como fonte direta de dados** – Supõe o contato direto do pesquisador com o ambiente e situação investigada (LUDKE E ANDRÉ, 1986, p.11), pois segundo estes autores, as pessoas, gestos, palavras, devem ser sempre referenciadas ao contexto onde aparecem.
- **Os dados coletados são descritivos** – Entende-se que todos os dados são importantes, levando em conta o máximo de elementos presente em cada situação. Cada descrição pessoal é uma fonte rica para melhor compreender o que está sendo estudado, incluem-se transcrições, documentos de vários tipos, depoimentos, entre outros.

- **A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto** – O pesquisador tem interesse em estudar determinada questão, para verificar como esta se manifesta no cotidiano, observando suas interações, seus procedimentos.

- **Atenção do pesquisador ao “significado” que as pessoas dão às coisas e à vida** – Seria a tentativa do pesquisador de capturar a “perspectiva” dos participantes, entendendo e percebendo como os participantes percebem, sentem, reagem às situações.

- **Análise dos dados dentro de um processo indutivo** – Não existem, a princípio, hipóteses definidas antes do início da pesquisa, e sim, uma organização preestabelecida para a coleta de dados, mas que de acordo com o desenrolar da pesquisa, vai se modificando e ampliando, construindo outros diálogos.

Como este trabalho de pesquisa tem o foco no rito de passagem dos estudantes do Ensino Médio para o Superior, que são os autores e personagens dessa história, nada mais adequado que entrevistá-los em suas escolas. Com relatos corajosos, que, de certa forma, expuseram suas emoções, fazendo-os olharem para trás, repensando suas trajetórias e para frente, com olhares temerosos e agitados sobre o futuro, estes jovens com seus depoimentos sinceros nos ajudam a entender o que esse ano realmente representa.



### 3.1 Conversando com os alunos da Escola Júlia Kubitscheck

As entrevistas com os jovens da escola Júlia Kubitscheck foram realizadas no dia 25 de novembro de 2010. Ao todo foram cinco jovens do sexo feminino, com idades entre 17 e 19 anos. Como optei por entrevistas abertas, não organizei um roteiro de perguntas preestabelecidas, selecionei três perguntas norteadoras e as demais foram surgindo em função das respostas. As perguntas foram as seguintes:

- Por que a escolha pela escola Júlia Kubitscheck?
- Você já sabe que profissão vai escolher?
- Como está sendo este último ano da escola para você?

Eu nunca tinha feito um trabalho de pesquisa com entrevistas, por isso, num primeiro momento tive receio das alunas terem algum tipo de resistência à minha proposta. Mas, para minha surpresa, logo que expliquei minha intenção, prontamente elas aceitaram. Assim foi o início de todo o processo, com bastante receptividade, pois todas gostaram de saber que as entrevistas seriam gravadas. Ouso dizer que se sentiram importantes por estarem sendo alvo de uma pesquisa.

A primeira jovem escolhida para a entrevista chama-se Ana, tem 19 anos e estuda na escola desde o segundo ano do Ensino Médio. A segunda jovem entrevistada chama-se Beth, tem 17 anos e estuda na escola desde o primeiro ano do Ensino Médio; a terceira aluna chama-se Carmem, tem 19 anos e estuda no Júlia Kubitscheck desde o primeiro ano. A quarta jovem chama-se Diana, tem 18 anos e, como a maioria das alunas, também chegou ao Júlia Kubitscheck no primeiro ano do Ensino Médio; a quinta entrevistada chama-se Eliana, tem 19 anos e estuda na escola Júlia Kubitscheck desde o primeiro ano do Ensino Médio.

O clima das entrevistas foi muito agradável e descontraído, as cinco jovens estavam bastante à vontade, relatando com cuidado e detalhes tudo que eu perguntava.

As entrevistas foram feitas com cada aluna em particular, pois achei que as deixaria mais à vontade. Tive facilidade em conduzir a conversa e fiquei surpresa com a tranquilidade com que respondiam, mesmo quando estavam falando de seus medos, suas inseguranças. Pude perceber que o fato da primeira pergunta ser em relação à Escola Júlia Kubitscheck fez com que elas relembassem suas trajetórias desde a entrada na escola, trazendo certa nostalgia para o momento.

Com o desenrolar destas primeiras entrevistas, já pude levantar uma primeira suposição: a de que o jovem gosta de falar da sua vida, gosta de ser ouvido e gosta de fazer parte de algo.

Antes de iniciar as perguntas, senti necessidade de falar um pouco para cada uma delas sobre o porquê decidi escolher este tema para escrever, relatei sobre o meu último ano na escola, a dificuldade que senti em escolher o que seguiria como profissão, meus medos e angústias. Queria que elas soubessem que apesar de ter sido um momento crítico na minha vida, desejei falar sobre ele, mesmo anos depois. Tento, com a pesquisa, entender se o que se passou foi somente uma questão individual ou se muitos jovens passam pela mesma situação.

Resolvi começar as entrevistas perguntando para todas as alunas sobre a chegada delas na escola Júlia Kubitscheck. queria sentir um pouco como era a relação delas com a escola, pois como meu objeto de estudo é a transição - escola/ensino superior, achei pertinente iniciar por onde elas ainda estavam cursando, conhecendo um pouquinho da história de cada uma. Para preservar a identidade das alunas, os nomes que constam nas transcrições são fictícios.

Para ilustrar melhor, transcrevo parte das entrevistas das cinco alunas:

#### ANA

##### **Como foi a sua entrada aqui no JK?**

*“Eu caí meio que de pára-quadras. obrigada pela minha mãe, que estudou aqui, era aquele sonho de avó. de família. todo mundo tinha que estudar na mesma escola. Pobre só tem direito de ser professora. um trabalho para a vida toda. Aí quando cheguei aqui falei: vou empurrar com a barriga... Só que a partir do segundo ano. eu entrei aqui no segundo ano. eu comecei a fazer estágio, comecei a gostar, me identifiquei e hoje acho que foi até bom para mim, eu gosto daqui e vou seguir uma carreira mais ou menos parecida. não vou ser professora. mas alguma coisa que esteja ligada”.*

**Você se sente satisfeita, gosta da escola?**

*“Sim, eu gosto da escola. Não era o que eu queria, meu objetivo era fazer o ensino médio numa escola sem curso técnico, em três anos, já estaria formada fazendo o pré- vestibular. O que eu quero mesmo fazer é FONOAUDIOLOGIA, mas Pedagogia tem algum tipo de ligação e se eu não conseguir passar para FONO, vou dar aula mesmo.*

BETH

**Por que você veio estudar no Júlia?**

*“Desde que eu estava na oitava série, eu estava procurando escola normal para estudar, mas a minha mãe não queria que eu fizesse escola normal. O meu pai não se importava, mas ela não queria, ela fez o “normal” e disse que o curso é bom, mas sabe como é... aquele preconceito da profissão, professor não é valorizado, ganha pouco.*

**Você gosta do Júlia?**

*“Eu gosto muito, gosto das coisas que eu aprendo aqui, eu luto pelas coisas”.*

CARMEM

**Como foi sua chegada no Júlia?**

*“Eu nem sabia que existia esse colégio, só quando meu namorado me disse que tinha estudado aqui é que fiquei sabendo, ele disse que era o melhor colégio, que a gente saía com uma profissão. Pensei então que queria passar para cá, porque assim eu daria aula e ganharia dinheiro para pagar a minha faculdade, e fazer o que realmente eu quero”.*

### **Como você chegou aqui no Júlia Kubitscheck ?**

*“Eu nunca pensei em Pedagogia, em nada de educação. Quando eu estava no fundamental, o Júlia era um colégio muito bem falado, lá onde eu moro. Umás meninas queriam porque usavam saia curta e o uniforme é bonito, outras porque queriam ser professoras mesmo. Eu mesma vim por causa da minha mãe, eu não queria porque eram quatro anos, achei que iria perder um ano. e ela disse que eu iria ganhar, sair com uma profissão mais ou menos. Acabei caindo aqui, mas a princípio eu não queria.*

### **E depois?**

*“Bem... aí resolvi tentar, fiquei o primeiro ano e comecei a me aproximar de umas meninas legais, comecei a me apegar a alguns professores, gostar mais do colégio. Mas no segundo ano misturaram as turmas e eu não fiquei com quem eu queria, resolvi que queria sair, mas a minha me disse que não, que eu tinha que amadurecer, que na vida era assim, nem sempre a gente consegue ficar colada, o tempo todo, com quem a gente gosta. Foi difícil, eu chorava todos os dias, mas aí fui me adaptando, o tempo foi passando e eu me acostumei”.*

### **Sua família deu apoio?**

*“O tempo todo, menos quando quis sair do colégio. Ela avaliava e apoiava.”*

## ELIANA

### **Como você chegou aqui? Como começou a sua história aqui no Júlia?**

*“Perto da minha casa não tem escola boa, aí uma amiga minha disse que ‘o Júlia’ era um bom colégio, que o ensino era bom. Minha mãe disse que eu tinha que colocar para cá e coloquei.”*

### **Você então não veio por causa do profissionalizante?**

*“Não, não pensava em ser professora, vim pelo ensino, não sabia o que queria.”*

### **Você gosta?**

*“Eu me acostumei com o ambiente, o ensino é bom, a gente faz amizade. Difícil vai ser sair... não sei mesmo, vou ver..”.*

Estas falas trazem um aspecto importante, a opinião familiar. Mais da metade das alunas começou estudar na escola Júlia Kubitscheck por influência e determinação das mães. A fama de bom colégio aliado a um curso normal, que possibilita aos alunos sair com uma profissão, pesou na hora da escolha, da mãe.

Ao pontuar este exemplo da escolha por parte das mães, pensando muito mais do que a opinião das próprias jovens, lembro claramente do que diz Calligaris (2000) sobre o período de *moratória*. Essas jovens foram educadas pelos pais, pela escola, pela mídia para assimilarem os valores da comunidade, no entanto, quando poderiam demonstrar o que aprenderam, são subestimadas e suas opiniões são postas de lado. Algumas alunas, no caso, já são maiores de idade e nem isso conta para a família, pois estes consideram que ainda devem esperar para amadurecer. Mas como? Como amadurecer se não experimentar, escolher e optar? “Uma situação claramente paradoxal, pois querem que o jovem seja autônomo e lhe recusam essa autonomia” (CALLIGARIS, 2000, p.26).

Nos relatos, vários aspectos em comum foram surgindo, de modo geral todas relataram que o último ano na escola, no caso o quarto ano, pois a escola Júlia Kubitscheck é uma escola com Curso Normal, e, portanto, o Ensino Médio é acrescido de mais um ano para as matérias específicas para formação de professores, a tensão aumentou e os medos e inseguranças vieram à tona. Para ilustrar melhor transcrevo outra parte da entrevista das cinco jovens:

ANA

**O que você sente em relação ao último ano na escola?**

*“Uma sensação muito ruim, a minha maior preocupação é porque a gente estuda a vida inteira na escola e de repente acaba... e aí eu penso: Vou fazer o quê? Não tenho mais nenhuma obrigação com a escola. Você cai na real que tem que trabalhar. Você vai ter que ser independente de alguma forma, isso dá medo e insegurança”*

BETH.

**Como está sendo o seu último ano na escola?**

*“O que eu fico mais preocupada é não aprender o suficiente. Também fico preocupada se não passar.”*

CARMEM

**Como está o seu último ano aqui no Júlia?**

*“Dá mó tristeza, tipo eu nunca fiz nada, só estudei e dormi, estuda, dorme. Ano que vem eu vou ter que trabalhar, dá mó medo. Eu quero dinheiro pra mim, é chato toda hora pedir dinheiro para a minha mãe, ela já tá fazendo um esforço danado pra pagar o meu técnico, tenho ajudar, eu já tô grande”.*

DIANA

**E como você está sentindo este ano?**

*“Eu tô com muito medo, vem tudo em cima de mim, vou fazer 18 anos, tenho que passar no vestibular... eu quero muito a UFRJ, mas sei que é difícil, mas vou tentar. Aqui é uma moleza, eu faço estágio, mas no fundo é moleza, eu brinco muito. Se eu não passar, ano que vem vou entrar num cursinho e me dedicar.*

*Eu estou com medo pelo que vai vir pela frente. Medo de me dar mal, porque eu sou muito insegura. Medo de sair da escola e de entrar sei lá. Tô com muito medo de chegar na hora, me pedirem alguma coisa e me dá um branco, não saber o que fazer, sempre vem isso na cabeça. Tô insegura, com muito medo.”*

## ELIANA

### **E o que você me fala deste ano, seu sentimento...**

*“É um ano que eu estou pensando muito no futuro, pensando que quando eu sair daqui o que eu vou fazer da vida, eu tenho medo, não sei como vai ser daqui pra frente, vestibular de quê. Insegurança e saudade das amigas.”*

Impossível não reparar na palavra *medo*, ela foi uma constante neste momento das entrevistas, triste de se ouvir, pois penso que a trajetória educacional não deveria ser permeada de medo, e sim de prazer, curiosidade e interesse. Mas o “medo”, mesmo sendo um sentimento ruim, é vital, pois sem ele não saberíamos nos proteger. O difícil para todos e não só para o jovem é conseguir se abrir a novas possibilidades sentindo medo. O momento de finalização do Ensino Médio exemplifica muito bem esta situação. O medo do que está à frente, do desconhecido, de passar na prova ,deixa sua marca. Percebemos, nas entrelinhas, que algumas jovens se ressentem por estarem crescendo, lamentam a perda da vida protegida pelos pais, da dependência e da facilidade de não terem certas obrigações de adultos. Passar no vestibular, começar a trabalhar, ganhar dinheiro, virar um adulto reconhecido pela sociedade e, portanto, que corresponda a esse “título” de independente, do que sabe “se virar” não é condição fácil de conseguir. E isso está bem exemplificado na fala das alunas.

Arminda Aberastury quando descreve os lutos aos quais os adolescentes devem elaborar, ajuda muito na nossa análise, pois percebemos que as jovens estão elaborando o *luto pelo papel e identidade infantis*, estão no momento de renúncia da identidade infantil, se preparando para aceitar as responsabilidades do adulto, estão no “meio” do trajeto, e isso pode ser assustador, ainda mais porque elas têm que provar que são capazes, escolhendo certo a profissão e passando na prova para a universidade. Podemos pensar que a aprovação seria como um passaporte para a fase adulta.

Interessante é que conforme as entrevistas se desenrolavam, as jovens queriam falar cada vez mais, associavam assuntos que talvez nem fossem diretamente ligados ao tema, mas sentiam uma enorme necessidade de falar, e como tínhamos tempo, deixava que elas falassem...

O conforto e confiança são elementos importantes para que o entrevistado possa se expressar, mesmo com pouquíssimo tempo de preparo para as entrevistas, percebi que as jovens conseguiram se sentir confortáveis e confiaram que eu as escutaria com calma e transcreveria a verdade.

Durante as entrevistas pensei em várias coisas sobre o rito de passagem da Escola/ Ensino Superior, inclusive coisas da minha época de aluna do último ano do Ensino Médio. Uma delas foi que no fundo eu sentia uma enorme necessidade de falar, mas por vergonha ou não sei bem o quê, não tive confiança e conforto para dividir minhas angústias com ninguém, pensei que teria sido ótimo ter sido entrevistada e mesmo que rapidamente falar dos meus medos.

Como a interação com as meninas estava muito boa, me senti à vontade para perguntar sobre uma das questões mais delicadas, pois imagino que o “mundo” inteiro já tinha feito esta pergunta, que era: elas já imaginavam o que iriam escolher como profissão? Parece simples, mas perguntar sem uma expectativa e sem uma cobrança é o mais difícil. Em seguida transcrevo as respostas.

ANA

**Você se sente satisfeita, gosta da escola?**

*“Sim, eu gosto da escola. Não era o que eu queria, meu objetivo era fazer o ensino médio numa escola sem curso técnico, em três anos, já estaria formada fazendo o pré- vestibular. O que eu quero mesmo fazer é FONOAUDIOLOGIA, mas Pedagogia tem algum tipo de ligação e se eu não conseguir passar para FONO, vou dar aula mesmo.”*

**Por que você vai fazer Pedagogia se você quer Fonoaudiologia?**

*“Por causa da família e também porque tem alguma relação”.*



**Você tem preferência por alguma faculdade?**

*“Eu quero fazer no Fundão (UFRJ), acho que é a melhor”.*

**Você se sente preparada?**

*“Não, sabe por quê? Porque aqui no Júlia nós não temos química, nem física e nem biologia, disso eu tenho medo”.*

**O que você acha que poderia fazer para melhorar esta situação?**

*“Estudar mais, coisa que momento eu não estou conseguindo”.*

BETH

**Você quer ser professora?**

*“Eu quero ser professora, quero fazer faculdade de Educação Física, depois uma especialização em Educação Infantil ou em Educação de crianças especiais. É o que eu quero, mesmo a minha mãe dizendo que professora é profissão de pobre.”*

**Como você acha que é a faculdade?**

*“Não tenho a menor idéia o que é; o que tem; como é... eu sei onde gostaria de fazer, mas se pensar demais me dá pânico. Eu gosto muito de uma que fica na Avenida Brasil, é militar, a CEFAN (Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes).”*

CARMEM

**O que você quer fazer?**

*“Eu quero ser enfermeira, não é que eu não goste de criança, mas só vou dar aula pra ganhar dinheiro. Eu já estou fazendo até um técnico de enfermagem”.*

**Você pensa em fazer faculdade de enfermagem?**

*“Não, quero fazer concurso pra cabo da Marinha, quando você entra, já sai ganhando três mil e poucos reais, não vale a pena fazer faculdade de enfermagem, o técnico é mais rápido e melhor. Depois quero fazer um curso de instrumentadora e continuar na área”.*

DIANA

**E a profissão?**

*“O que eu quero mesmo é medicina, mas eu coloquei o “pé no chão”, porque não é uma coisa assim... você tem que saber a sua estrutura, nem tudo que você quer, você consegue. Essa escola não prepara para muita coisa, você só passa para pedagogia. Eu pensei bem, e como eu “odeio” ler, achei melhor matemática. Agora eu botei na cabeça que vou fazer matemática e vou. É a minha escolha.”*

ELIANA

**Você já sabe o que quer fazer?**

*“Não, não tenho idéia.”*

**Você sabe o que não quer fazer?**

*“Também não. No fundo não tenho idéia.”*

**E professora?**

*“Eu não tenho nada contra, mas também não vou dizer que é uma coisa que eu quero muito”.*

Analisando as respostas pude perceber que somente uma jovem não sabia o que queria as outras alunas já sabiam, apesar de algumas não conseguirem optar pelo que realmente desejam, e sim pela opção indicada pela familiar, ou por acharem que não vão conseguir pela falta de

preparo. Nestas respostas percebo um pouco do que Carvajal diz a respeito da terceira fase: *adolescência juvenil*, uma fase que segundo o autor qualifica o início da vida adulta. Nela o jovem alça vôo para sua individualização, situação que segundo Carvajal está mais prolongada nos dias de hoje, uma vez que se torna complicado conseguir o próprio sustento e com isso, mais exigente a preparação do mundo adulto. Porém, o fato delas estarem com medo e inseguras, mostra que estão pensando e se projetando no futuro. Caminhando para a “adulterz”.

Mas, desde o início das entrevistas a “família” sempre apareceu como um ponto extremamente importante, ora positivamente, ora negativamente. Por vezes incentivando e apoiando e em outros duvidando, freando, determinando. Portanto resolvi perguntar um pouco sobre a relação das jovens com a família. Deixei bem claro desde para elas que, sempre, a opção de resposta seria delas, que não haveria nenhuma pressão. E as respostas foram:

ANA

**E a sua família, está presente?**

*“Bastante, minha mãe então... eu me vejo lá na frente e ela me dando todo o apoio, é mais um motivo para lutar e conseguir”.*

CARMEM

**E a sua família, te apóia?**

*“Muito, todo mundo”.*

DIANA

**Sua família deu apoio?**

*“O tempo todo, menos quando quis sair do colégio”. Ela avaliava e apoiava.*

## ELIANA

### **E a sua família? Você conversa com eles?**

*“Minha mãe quer que eu me forme como professora, meu pai nem liga e minhas irmãs são mais novas e não falam nada.”*

Ao analisar estas falas me questiono sobre a força da família, pois ela pode impulsionar o jovem, como no caso da aluna Ana e Carmem, que encontram na família um motivo para lutar e ter sucesso, mas também pode ser oposto, um descaso, como acontece com Eliana, vale lembrar que de todas as alunas entrevistadas a que não tem idéia do que fazer é a Eliana. No caso da aluna Diana é interessante reparar que a família apóia, mas desde que seja como eles querem. O que seria usar a autoridade com autoritarismo. Apesar dos conflitos, submissões e inseguranças, segundo Françoise Dolto , é importante para relação jovem/família : *“Os jovens têm de sentir que uma tensão entre o apego à família e o desejo de escapar-lhe é um sinal de vitalidade.”* (DOLTO, 1990,p.32).

Percebemos que é importante essa crise, pois segundo Carvajal (2001) o ser humano na sua maturidade, não se define apenas por seu desenvolvimento individual e sim com o conjunto de relações com figuras importantes da sua vida, e o ambiente familiar – pais e demais membros da família - é o primeiro lugar onde essas interações acontecem. A crise da adolescência é comumente uma crise da família também.

Outro momento importante para o jovem é em relação ao grupo, pois dependendo da fase em que este se encontra, tudo gira em torno do grupo, lá o jovem se reconhece, compartilha e se apóia. Seria um reflexo de como o jovem deve agir, como um espelho. Em função dessa importância do grupo, durante as entrevistas procurei perceber como as entrevistadas se relacionavam em relação ao grupo da escola. Novamente transcrevo parte das entrevistas:

ANA

**E as amigas, como é a relação de vocês?**

*“Normal, já estou acostumada, são tantos anos. Eu faço trabalhos, me estresso.... Não sei delas.”*

BETH

**E a separação das amigas?**

*“Tem gente que fala: vou sentir a maior falta quando sair... Mas eu não vou sentir não”.*

Nas entrevistas somente duas alunas tocaram no tema amigas da escola e ambas não manifestaram muito apego ou saudosismo. Percebi este fato como uma ruptura grupal, que segundo Carvajal (2001) é normal acontecer com o jovem em determinado momento. Segundo o autor, na fase *juvenil* o jovem caminha para a independência da identidade grupal, lança-se em direção a sua individualização.

Ao final da entrevista, copiando de certa forma a jornalista Marília Gabriela, pedi que elas falassem em uma palavra como elas sintetizariam o que estão sentindo no último ano da escola. Creio que muitas vezes basta uma palavra para expressar tudo que está dentro de nós, daí minha proposta. E as respostas foram:

ANA

**Se você tivesse que falar uma palavra ou frase que sobre o último ano da escola, o que você diria?**

*“Sem dúvida, MUDANÇA”.*

BETH

**Uma palavra ou frase para definir este último ano**

*"Insegurança".*

CARMEM

**Se você tivesse que resumir este ano, que sentimento seria?**

*"Tô insegura, com muito medo".*

DIANA

**E como você está sentindo este ano?**

*"Eu tô com muito medo."*

ELIANA

**E o que você me fala deste ano, seu sentimento...**

*"Eu tenho medo".*

As palavras dizem muito: mudança, insegurança, muito medo, muito medo, medo. Nesta escola, ao terminar as entrevistas pude dizer para elas (alunas) que eu realmente sabia o que elas estavam sentindo, pois senti isso, exatamente igual há anos.

## Considerações Finais

Considero importante relatar que o trabalho que acabei de concluir não foi fácil de realizar, principalmente no plano emocional. Uma experiência ímpar, pois retornei ao meu tempo de adolescente, e neste período o meu “medo” era enorme. Acredito que o tema escolhido nas monografias sempre tem relação direta com o autor, e no meu caso foi exatamente assim.

Como foi um ano sofrido para mim, resolvi pesquisar um pouco mais sobre o tema e acredito que tenha sido a melhor escolha que poderia fazer, pois consegui compreender melhor o que se passou comigo e principalmente, o que se passa com o jovem nesta fase tão turbulenta. A escolha pelas entrevistas ocorreu porque eu acho que não há nada melhor do que uma conversa direta com o entrevistado, onde este pode se sentir livre para suas colocações e que não há maneira melhor para sentir, perceber, dividir e analisar qualquer assunto.

Pelo que pude analisar, o último ano do Ensino Médio é um ano difícil, extremamente sofrido e angustiante. Corresponde a um *mito*, aquele que determina se o jovem é capaz ou não de ingressar no Ensino Superior. Infelizmente um ano que marca o aluno, na maioria das vezes negativamente, pois sentem-se pressionados a dar uma satisfação para a família e para a sociedade, além de demonstrar que já são maduros, adultos, seguros, decididos.

De modo geral a sociedade relaciona diretamente a saída do Ensino Médio e entrada no Ensino Superior com a saída da juventude e entrada na adultez, numa relação direta. Isso causa danos, uma vez que o jovem ainda não conseguiu sequer entender o que está se passando com ele. Mudanças corporais, relação com grupo, rompimento com família, escolhas profissionais corretas, tudo isso contribui para um “pesar” sobre o último ano na escola. Mas o medo também motiva, gera crises e as crises geram mudanças. Apesar de ser um ano intenso e com uma carga de medo acentuada, é um ano brilhante, talvez a transição mais importante na trajetória do aluno.

Busquei auxílio nas teorias psicanalíticas, pois acredito que só pensando sobre nossos atos, só olhando para dentro de nós mesmos é que conseguimos fazer nossas escolhas, entender quem somos e saber qual é o nosso papel nesta vida.

Um dos objetivos deste trabalho foi oferecer aos jovens que se encontram no último ano do Ensino Médio e aos educadores elementos para que possam pensar e lidar melhor com esta situação nas escolas, ajudando os alunos que estão mais aflitos, entendendo que eles precisam de apoio e afeto para ultrapassar com menos angústia esta etapa. Acreditando que o que vem pela frente pode ser muito bom, que trará realizações e que não estão sozinhos. E acima de tudo, que sempre temos tempo para começar, recomeçar e de ir atrás dos nossos sonhos.



## REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda & KNOBEL, Mauricio. *Adolescência normal*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

CALLIGARIS, Contardo. *A adolescência*. São Paulo: Publifolha , 2000.

CARVAJAL, Guillermo. *Tornar-se adolescente: a aventura de uma metamorfose*. São Paulo: Cortez, 2001.

DAYRELL, Juarez. Processos de construção das identidades juvenis na contemporaneidade. Texto apresentado em mesa redonda, em sessão especial do GT *Educação de Jovens e Adultos*. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO (ANPED), 2002, 25a, p. 15-22.

DOLTO, F. *A causa dos adolescentes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. *A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa*. São Paulo, 2002. Disponível no site: [www.scielo.br](http://www.scielo.br) > acesso em setembro de 2011.

LUDKE, M. e ANDRÉ. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. Editora pedagógica e universitária-EPU, São Paulo. 1986.

<http://www.ibge.gov.br/home/> > acesso em 12/08/2011

[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12907:legislacoes&catid=70:legislacoes](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12907:legislacoes&catid=70:legislacoes) > acesso em 09/10/2011



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO  
Centro de Ciências Humanas e Sociais - CCH  
Escola de Educação - EE

MONOGRAFIA II

ALUNO(A)/matrícula: Marcia de Lourdes Cavallho de Oliveira  
TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO: Último ano do ensino médio; os jovens e suas emoções.

ORIENTADOR(A): Sanchez Albemay de Medeiros

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

PRIMEIRO AVALIADOR

Professor convidado: Antônia B. Pinheiro (Túnicia)

Nota: 10,0

Considerações:

A discente Marcia de Lourdes Cavallho de Oliveira demonstrou empenho com o tema escolhido, sendo possível perceber o comprometimento com a proposta teórica pesquisada.

As ideias foram alinhavadas conjugando singularidade e esmero, apesar dos graves imprevistos ocorridos durante a produção do texto, relacionados a saúde de pessoa crucial na sua vida.

Vale acrescentar que a trajetória de Marcia, na vida acadêmica, foi pontuada por comprometimento aliado de ética, amabilidade, equidade.

Confiro nota 10,0

DATA: 18/12/2011

Assinatura:

Antônia B. Pinheiro

**SEGUNDO AVALIADOR**

Professor orientador: Sandra Albernaz de Medeiros

Nota: 10,0

**Considerações:**

O trabalho monográfico realizado por Maria foi acompanhado por mim ao longo de um ano, desde a elaboração de seu projeto. São marcantes seu cuidado, compromisso, delicadeza e sensibilidade. Um belo trabalho que espelha a alma desta educadora

Data: 22.12.2011

Assinatura: Sandra Albernaz de Medeiros

**RESULTADO FINAL**

Avaliador 1	Avaliador 2	Média final
10,0	10,0	10,0

Rio de Janeiro, 22 de dezembro de 2011.

Sandra Albernaz de Medeiros

Prof. Orientador